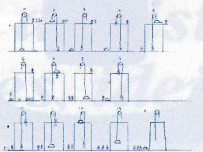


Educação & Matemática



Ballhas, Hilário, Saúl e o tesouro...

Revista da Associação de Professores de Matemática

n° 39
3° trimestre
de 1996

Os “bons velhos tempos” são velhos mas não eram bons

Paulo Abrantes

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Adelina Precatado
Alexandra Pinheiro
Ana Boavida
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Eduardo Veloso
Helena Amaral
Helena Lopes
Henrique M. Guimarães
Margarida Junqueira
Maria José Boia

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
4200 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N° de Registo: 112807
N° de Depósito Legal: 91158/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Escola Superior de Educação de
Lisboa
Rua Carolina Michaelis de
Vasconcelos
1500 Lisboa
Tel/Fax: (351) (1) 7166424

Nota: Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista da Redacção da Revista.

Nos últimos meses, o ensino da Matemática tem tido uma presença forte na comunicação social. Só em Agosto, o número de referências à Matemática nos jornais terá ultrapassado os valores dos melhores anos anteriores. Não me recordo de uma época assim, apesar do esforço que muitos de nós temos feito para que a Matemática e o seu ensino se tornem assuntos de interesse público.

Infelizmente, aquilo que fez do ensino da Matemática um assunto mediático foi uma conjunção de factores — o regresso dos exames, as notas baixas, o peso destas no acesso à Universidade — que são variações em torno de um tema, por sinal, já conhecido: o papel selectivo da Matemática no nosso sistema educativo. Na verdade, não estamos à espera de ver, a partir de agora, notícias frequentes sobre a Matemática, reportagens com professores e alunos sobre experiências nas escolas ou debates a respeito dos objectivos, conteúdos e métodos do ensino da Matemática...

Claro que as más notas são motivo de preocupação. No entanto, não devemos ser demasiado simplistas ao analisá-las. Temos que relacionar as notas no exame com indicadores a respeito dos contextos de aprendizagem. Além disso — e mais importante! — temos que compreender o que dizem (e o que não dizem) as notas. Estas teriam sido mais elevadas com provas mais fáceis ou com mais treino em certos tipos de exercícios e, no entanto, isso não significaria que os alunos afinal tinham uma boa formação matemática, gosto pela Matemática e compreensão da sua natureza, ou capacidade para utilizá-la na resolução de problemas.

É verdade que precisamos de reflectir sobre o ensino da Matemática. Mas temos que saber para onde queremos caminhar. Se a nossa grande meta é o exame, então pensemos nas consequências. O exame torna-se o objectivo, o que vem para exame o programa, o ensino da matéria para exame o método — escreveu Freudenthal há mais de 20 anos. É isto que queremos para os nossos jovens, partindo do princípio (mais do que duvidoso) de que eles, como geração, o aceitam? Se é isto, então para quê perdermos tanto tempo a discutir a capacidade de pensar e comunicar matematicamente, a ligação da Matemática à realidade, o papel educativo da história da Matemática ou as possibilidades de os alunos fazerem investigações e projectos em Matemática?

É muito triste ver como algumas pessoas, desprezando o enorme esforço que se tem feito para a renovação (mais do que necessária) do ensino da Matemática, em vez de ajudarem a corrigir os erros e a encontrar as condições que permitam essa renovação, mais não fazem afinal do que advogar o retorno àquilo que consideram os “bons velhos tempos” dos exames em todos os níveis de ensino.

Em alturas como esta, questionamos as nossas concepções mais profundas: Acreditamos que os alunos só vão estudar (treinar-se para) com a ameaça do exame e, se assim suceder, ficamos satisfeitos? Ou, pelo contrário, não esqueceremos que os “bons velhos tempos” são velhos mas já não são bons (se é que o foram alguma vez), e acreditamos realmente que vale a pena procurar formas de ajudar os jovens de hoje, na sociedade de hoje, a trabalhar seriamente para desenvolverem uma relação positiva com a Matemática e aprenderem Matemática de um modo significativo?